CANTANDO A FÉ DO POVO: ETHOS E MEMÓRIA DE MAJÚ EM ANDARAÍ (1970-1940)

Ivone Vieira da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-6865-7058
Endereço eletrônico: ivecbjr.piata@gmail.com

Renan Paulo Bini
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9076-6864
Endereço eletrônico: renan.bini@uesb.edu.br

Ana Clara Sousa do Nascimento
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2718-8506
Endereço eletrônico: clara25nascimento@gmail.com

Palavras-chave: ethos; retórica; memória social; intelectualidade negra; cultura afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Na percepção de hooks (1995), a interação do sexismo e do racismo perpetuam a imagem representativa da mulher negra associada à servidão. A autora argumenta que, desde a escravidão, o corpo da mulher negra tem sido visto como o símbolo de presença feminina natural e orgânica, sendo mais próxima da natureza animalesca e primitiva. Isto implica em uma leitura social da mulher negra como um corpo sem mente, tornando o lugar da intelectualidade como algo distante e de transgressões para essas mulheres.

Collins (2016), pontua que para quebrar esse paradigma racista e marginal, muitas mulheres negras têm feito uso criativo da sua marginalidade, do status de *outsider within* (forasteiras de dentro), para produzir um pensamento feministas negros que seja capaz de refletir uma visão sobre eu, a família e a sociedade. Essas intelectuais utilizam sua condição de marginalidade acadêmica e social para teorizar e postular críticas a uma epistemologia

ligada aos cânones eurocêntricos.

Diante dessa problemática, a presente pesquisa tem como intuito investigar a trajetória de Margentina Guimarães Silva (Maju), intelectual negra de Andaraí, no período de 1970 a 1990, tomando como eixo analítico a construção de ethos em práticas discursivas e narrativas de memória. O estudo tem como objetivo verificar como a atuação de Maju nos campos educacional, cultural e religioso produziu e sedimentou cuidado coletivo e mediação simbólica. Inscrito no campo da Retórica, a investigação toma como eixo central a categoria *ethos* e, assim, procura entender como a memória da comunidade constrói e estabiliza a imagem de Maju, tendo em mente quais as limitações foram impostas pelos marcadores de raça e gênero.

Para entender a motivação e a relevância deste objeto de pesquisa é preciso conhecer a trajetória de Maju e sua atuação extremamente relevante em setores de poder da cidade de Andaraí. Em diferentes fontes é possível observar como Maju era polivalente. Ela era pedagoga de formação, mas atuava como professora de geografia e se fosse preciso lecionava outras disciplinas, só para não deixar os alunos sem aula. Além disso, era alma dos festejos culturais e religiosos da cidade, estava presente na organização, na coreografia, na música, na costura e tudo mais que precisasse dela.

Desta forma, a pertinência dessa pesquisa está atrelada a um anseio pessoal e a necessidade de evidenciar trajetórias de intelectuais negras. Sendo uma pessoa natural da Chapada Diamantina, até a minha entrada na universidade tive pouco contato com mulheres negras em espaços de poder. Portanto, ao investigar a trajetória de Maju, é possível construir uma imagem e memória que fuja dos valores colonialistas, nos quais, homens e mulheres negras são inferiores, subterrâneos e desumanos.

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa, com base documental e história oral. Sua fundamentação analítica está inserida no campo da Retórica, com foco principal na categoria teórica *ethos*. No primeiro momento, será feita uma catalogação dos documentos pertencentes ao acervo pessoal de Maju, entre os quais canções, poemas, manuscritos, projetos escolares, fotografias, jornais locais e documentos institucionais. O intuito é selecionar as fontes que

mais dialogam com a investigação.

Em segundo, a pesquisa analisará entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com pessoas que conviveram com Maju - Amigos, Familiares, Alunos. Nesse ponto, a investigação pretende compreender como os depoimentos da comunidade constrói e estabiliza o *ethos discursivo* de Maju.

Na terceira parte, a pesquisa fará uma articulação entre as fontes documentais e orais. A pesquisa se apoiará na categoria *ethos discursivo,* inscrita no campo Retórico, observando como as fontes - oral e documental, constroem e estabilizam o *ethos discursivo* de Maju. Nesse processo, o enfoque no *ethos* é decisivo porque permite compreender não apenas o que se diz sobre Maju, mas como se produzem imagens de credibilidade, autoridade e afeto que sustentam sua memória social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Pollak (1989), as memórias coletivas e sociais são construídas para dar conta de um sistema que permita a coesão e unidade de uma determinada sociedade. Nesse sentido, muitas narrativas que chegam a nós são forjadas pela classe dominante com intuito de inviabilizar as contradições sociais existentes. O autor discute que em momentos de crises sociais - guerras, desastres naturais, recessão econômica, as memórias consideradas subterrâneas (memórias que são atribuídas a sujeitos e grupos marginalizados) entram em disputas e a história, até então oficial, tem sua hegemonia ameaçada e sua narração reescrita.

Nesse contexto, as memórias pertencentes às mulheres negras estão inscritas nesse quadro. Como assinala Moreira (2007), a representação acerca da mulher negra em obras cânones, como Casa Grande & Senzala do historiador e sociólogo Gilberto Freyre (1992), atribui à mulher negra dois papéis em nossa sociedade: a mulata, um ser-corpo super sexualizado que vive a mercê dos desejos dos outros; e à negra, um corpo-trabalho, tendo servilismo considerado um atributo natural ou papel designativo das funções da mulher negra na sociedade.

Nessa ótica, é notória a urgência em disputar os espaços epistemológicos, compartilhando uma imagem que fuja dos valores colonialistas presentes nos discursos dominantes e evidenciar trajetórias de intelectuais negras. Nessa perspectiva, um conceito

relevante para compreender a imagem de um sujeito dentro do discurso é o ethos. Segundo Aristóteles (2017), o ethos constitui a mais importante das três provas engrenadas pelo discurso - logos, ethos e pathos. O ethos de um orador se refere ao seu caráter, reputação e credibilidade.

De acordo com Maingueneau (2020), ao analisar o ethos é necessário avaliar como o produtor de um texto se apresenta a partir do que ele diz e da maneira como diz. Diante disso, o enunciador deve conferir a si mesmo e ao destinatário, um certo status, que possa legitimar seu dizer e, assim, confere no discurso uma posição institucional, marcando sua relação com o poder.

Em virtude disso, ao investigar a construção e estabilização do *ethos discursivo*, a pesquisa pretende registrar e analisar como uma intelectual negra do interior da Bahia ocupou e mobilizou espaços de poder. Nas narrativas, observa-se a recorrência de expressões que a caracterizam como uma pessoa respeitada, solidária e comprometida com a formação humana.

Em um dos depoimentos, por exemplo, Dona Aninha, uma ex-aluna, afirma que "Maju não era apenas uma professora, era como uma mãe para seus alunos", evidenciando a construção de uma imagem marcada pela afetividade e pelo cuidado. Outro aspecto presente nas narrativas é o grande protagonismo social assumido por Maju, pois ela fazia questão de incluir a comunidade negra nos festejos, como pontua sua irmã Lídia, “ela tinha realmente esse desejo de ver a raça negra protagonizando o sucesso”.

CONCLUSÕES

Em síntese, o trabalho demonstra que a construção e estabilização do *ethos discursivo* de Maju é um resultado de articulação entre diferentes práticas discursivas e das memórias que são produzidas pela comunidade, na qual Maju construiu e produziu sua intelectualidade. Por meio da investigação é possível observar como a imagem de Maju é percebida como uma forte presença pública e sua atuação articulava autoridade, sensibilidade estética, compromisso pedagógico e valorização das culturas afro-brasileiras. Nesse contexto, espera-se que o estudo possa contribuir para a produção de narrativas que insira mulheres negras como produtoras de saber e conhecimento, assim como, fortalecer a memória social de Andaraí, valorizando a participação de mulheres negras na construção da história da

educação, cultura e religiosidade da Chapada Diamantina.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abril, 2016.

hooks, bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2º semestre de 1995.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MOREIRA, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro:** um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Campinas, SP: [s. n.], 2007.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos,** v.2, n.3, p.3-15, 1989.